

DOCUMENTOS PARA O ENSINO

DOS ANIMATÓGRAFOS AO CINEBOLSO 89 ANOS DE CINEMAS EM LISBOA

O presente texto inclui alguns elementos recolhidos para um trabalho realizado no âmbito do seminário de Técnicas de Aplicação em Geografia Urbana. Com características que permitem integrá-lo nesta secção da *Finisterra*, a orientadora do seminário (T.B. SALGUEIRO) e os autores da versão inicial (C.F. MARQUES e J.H. DA SILVA) retiraram desta os elementos susceptíveis de esclarecer a evolução das localizações e tipo de salas de cinema em Lisboa, tomando em conta que grande parte das alterações ocorreram no espaço duma geração e são bem elucidativas da organização do espaço urbano, assim como das modificações que a tecnologia introduziu na produção de actividades de ocupação dos tempos livres.

Alterações na técnica de produção cinematográfica e nos circuitos de distribuição, na promoção imobiliária e mesmo na legislação urbanística, em paralelo com o crescimento da área urbana e a sua organização interna, produzem efeitos bem patentes nas modificações sofridas pelos cinemas, embora tenhamos privilegiado aqui os aspectos locativos.

O cinema nasce como um espectáculo público, em 28 de Dezembro de 1895, em Paris, e aparece, curiosamente, revestido pelo carisma da aventura. A agitação provocada pelas primeiras imagens animadas dos Lumière nos estupefactos espectadores que, em massa, acorreram às caves do Grand-Café, no n.º 14 do *Boulevard des Capucines*, era perfeitamente compreensível.

Não era o conteúdo dos filmes que impressionava, mas sim o salto fantástico que a ciência óptica havia dado, permitindo a fidelíssima duplicação da realidade visual, a que a inovação mecânica conferia o movimento. Aglomeravam-se multidões à porta...

Por essa época, o lisboeta tinha razões para se aborrecer. As suas actividades de lazer eram monótonas, porque repetitivas. Há perto de um século, Lisboa não tinha para se divertir senão os espectáculos teatrais, os bailes nas academias recreativas e os rápidos folguedos de Carnaval ou das festas dos Santos Populares de Junho. Mas só aos teatros os chefes de família levavam os seus. E então, os teatrinhos proliferavam, existindo por toda a cidade. O alfacinha da melhor cepa, esse, via o fogo de artifício, o desfile dos regimentos, as touradas, ia às festas e às operetas. Havia também as visitas sociais das noites de semana, as idas às hortas e aos retiros, cada

um com os seus pratos especiais, por vezes uma tentação. As possibilidades eram variadas, mas as mesmas de há muito.

É pois natural que, quando os jornais, apenas seis meses decorridos sobre a estreia em Paris do Cinematógrafo dos Lumière, anunciaram a estreia em Portugal, e em Lisboa, do “Animatographo ou a Fotografia Viva”, se tenha criado uma enorme expectativa e um justificado interesse em torno do acontecimento.

No dia 18 de Junho de 1896, o Real Coliseu de Lisboa, uma sala recentemente construída na Rua da Palma, foi palco de uma memorável estreia. Comprova-o a notícia publicada pelo *Diário de Notícias* do dia imediato e que transcrevemos: “Animatographo — Convenceu-se toda a gente que hontem esteve no Real Coliseu, e foi grande a concorrência, que não era um reclame artificioso o que dizia a imprensa com respeito a esta nova maravilha, que constitui um dos mais pitorescos e belos espectáculos, e uma das mais modernas aplicações da photografia”.

O público lisboeta, ávido de novidades, acorria em massa, fazendo deste novo espectáculo um interminável êxito. Na obscuridade da sala de projecção germinava um novo tipo de pessoas, os consumidores, e provavelmente amantes, do espectáculo cinematográfico.

Tais factos eram um convite para que outras salas se viessem a dedicar às sessões de *animatographo*. Não eram ainda salas construídas especialmente para esse tipo de espectáculo, mas foi em espaços teatrais, tal como tinha acontecido no Real Coliseu, que as sessões continuaram a verificar-se. É assim que o Teatro D. Amélia (hoje Teatro Municipal S. Luís) inicia, dois meses depois do Real Coliseu, as suas sessões “cinematográficas”, cuja qualidade era superior, uma vez que utilizava um tipo de equipamento de projecção mais aperfeiçoado. Tal facto prejudicou muito o Real Coliseu que, para além desse pormenor, ficava, segundo alguns comentadores da época, “fora-de-mão”. Esta referência é elucidativa quanto à realidade espacial da vida urbana da capital, nesse tempo. Nos fins do século XIX, a maior densidade populacional encontrava-se ainda no centro da cidade actual, nas áreas do Rossio, Chiado e Cais do Sodré, pelo que se compreende que a Rua da Palma fosse considerada como “fora de mão”.

A existência de transportes públicos, nomeadamente o “americano”, que faziam, além doutras, a ligação entre a Baixa (Rossio) e a Estefânia, não era motivo suficientemente forte para alterar uma concepção de espaço enraizada por um hábito de anos. Note-se que a noção de distância está intimamente relacionada com a dimensão do espaço de vivência. Um percurso a pé com a duração de alguns minutos tem significado diferente, conforme se trata de habitantes de uma grande ou de uma pequena urbe. Parecerá mais longa ao habitante desta última, uma vez que isso poderá significar a ida ao “outro lado” da vila. A percepção do espaço geográfico e a sua organização condicionam uma maior ou menor acessibilidade psicológica.

É pois natural que a localização privilegiada do Teatro D. Amélia convidasse à maior afluência de espectadores, o que igualmente acontecia com as sessões cinematográficas do Coliseu dos Recreios, que as integrou no popular espectáculo de circo. Refira-se que a escassez e a curtíssima duração dos filmes (cerca de um minuto)



Fig. 1 — Localização das salas onde se projectavam filmes entre 1896 e 1899.

obrigava a que as sessões fossem intercaladas com outros tipos de espectáculo (música, teatro, canto, etc).

Até ao final do século XIX apenas uma outra sala, o Salão Avenida, situado na Avenida da Liberdade, aderiu ao espectáculo de cinema, ainda que a sua situação (fig. 1), merecesse, também ela, o cunho de “fora-de-mão”. A cidade não se desenvolvia ainda ao longo daquele eixo.

Mas foi na primeira década do nosso século que em Lisboa se assistiu claramente à expansão do espectáculo cinematográfico, conquistando, para além do público popular que no animatógrafo encontrava entretenimento barato, variado e acessível, também a burguesia e certos intelectuais. Em 1904 abriu o Salão Ideal (hoje Cine-Camões), o primeiro “animatógrapho” construído expressamente para o espectáculo cinematográfico: situado na rua do Loreto, servia principalmente o público morador nas áreas do Bairro Alto e Chiado. Os transportes existentes tornavam-no também acessível a público de outras áreas, essencialmente de Campo de Ourique, Estrela, Lapa e S. Bento; numa época em que a cidade se desenvolvia predominantemente para ocidente, quer ao longo do Tejo até ao Calvário, quer mais para o interior, até Campolide. O desenvolvimento para norte não era ainda muito significativo.

Embora a rede de transportes públicos tenha evoluído significativamente nesta época, sobretudo com o aparecimento da tracção eléctrica (1901), a sua influência não foi muito marcante na escolha da localização das novas salas de projecção, pois a densidade populacional continuava a ser o factor determinante. Das dezasseis salas de que se tem conhecimento terem começado a funcionar, nove situavam-se na



Fig. 2—Novas salas de cinema entre 1900 e 1909.

cidade tradicional e no seu “velho” centro (Rossio-Chiado) (fig. 2). Mas constata-se também, nesta figura, o aparecimento de cinemas em localizações afastadas do centro, que se justificam pela necessidade de tornar este divertimento acessível às populações de áreas excêntricas, como Belém, Ajuda, Alcântara, Poço do Bispo e mesmo Graça.

Eram áreas industriais que se situavam longe do centro ou em situação de difícil acesso (Graça), mas com uma significativa população operária, que na época procurava a proximidade do local de trabalho para habitar. Foram numerosos os cinemas que entraram em funcionamento no primeiro decénio deste século e o ritmo em que surgiram foi, por vezes, bastante rápido. No ano de 1907, por exemplo, entre Janeiro e Junho, a informação de espectáculos do *Diário de Notícias* mostra-nos um aumento de um para nove, no número de salas com espectáculos de animatógrafo, o que traduz bem a popularidade deste tipo de espectáculo.

O aumento do número de salas de cinema, se por um lado é revelador de popularidade, por outro, incrementa a concorrência. Assim, quando a frequência começava a diminuir, algumas gerências criavam novos motivos de interesse, com o fim de atrair de novo mais espectadores. Exemplo interessante foi a “invenção” do animatógrafo falado, efeito que se conseguia colocando atrás do écran um grupo de actores que produziam, com o realismo e sincronismo possíveis, os ruídos e falas adequadas às cenas dos filmes, então já com maior duração e enredo. Foi uma brilhante ideia que os responsáveis pelo Salão Ideal tiveram, com correspondente aceitação por parte do público.

Neste período, o Chiado Terrasse, em paralelo com o Salão Trindade e o Salão Central, era dos cinemas de maior prestígio de Lisboa, quer pela sua dimensão e qualidade das instalações, quer pelo interesse dos seus programas, sendo mesmo

considerado, por alguns, o mais cómodo, amplo e elegante salão cinematográfico de Lisboa.

A década de 1910-1919 é marcada pelo grande desenvolvimento internacional da indústria cinematográfica. Os filmes, mais longos e de melhor qualidade, tornaram desnecessária a inclusão sistemática, nos programas, de outras expressões artísticas. Não quer isto significar que o teatro e as variedades deixassem de fazer parte dos espectáculos de animatógrafo. O que significa é que alguns filmes eram já capazes, por si só, de assegurar o espectáculo.

O aparecimento dos filmes de enredo fez aumentar fortemente a frequência. Se esta é a década em que entra em funcionamento maior número de cinemas (fig. 3), também neste período deixam de funcionar mais salas. A justificação para este fenómeno prende-se com o facto de alguns cinemas não terem feito obras de melhoramento, pelo que, com um público ávido de novidades (quer tecnológicas, quer em instalações), a frequência nessas salas baixou significativamente, ao ponto de já não darem lucro. Tal facto é tanto mais importante, quanto a modificação do sistema de contratos (o aluguer das cópias em vez da sua compra), produziu condições em que o exibidor estava menos defendido, uma vez que os contratos a cumprir eram mais *apertados* (menos sessões para realizar dinheiro).

No que se refere à implantação espacial dos novos cinemas, sente-se já a influência da expansão da cidade, para norte. O eixo Rossio-Avenida da Liberdade começa a ter importância, como o comprovam as seis novas salas que surgem na área dos Restauradores. A cidade via crescer as áreas residenciais situadas de cada um dos lados da Avenida da Liberdade, bem como a primeira fase das Avenidas Novas, a norte da Avenida Fontes Pereira de Melo, crescimento esse a que não era alheia a

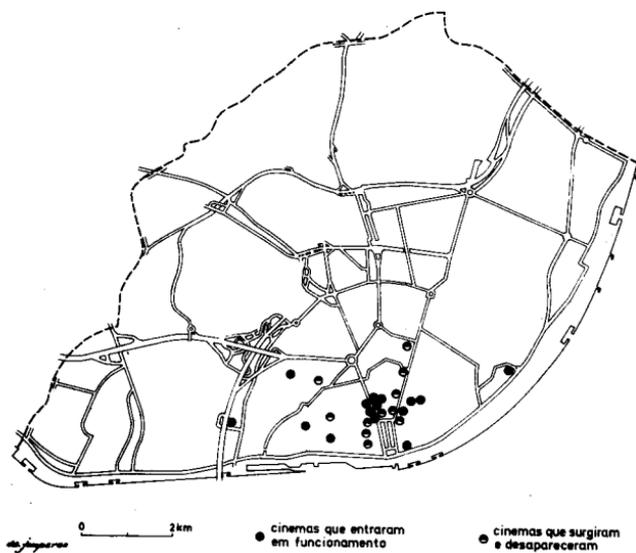


Fig. 3—Novos cinemas entre 1910 e 1919.

rede de eléctricos, já então existente. Outro pormenor interessante é o aparecimento de algumas salas ao longo do eixo Rossio-Rua da Palma-Estefânia, o que expressa igualmente uma marcada influência dos transportes públicos, constituindo um factor determinante na ocupação e crescimento dos novos bairros e tornando-os acessíveis, quer na perspectiva de quem lá vive, quer na de quem para lá se pretenda deslocar.

Outro aspecto que a análise da fig. 3 revela é o aumento da tendência para o aparecimento dos chamados cinemas de bairro. Alcântara, Campo de Ourique, Lapa, Graça, Alfama, Poço do Bispo e Estefânia, são áreas que surgem, a certa altura, dotadas de cinemas próprios.

Sendo esta década a mais fértil na abertura de novas salas, sobretudo na área dos Restauradores, falemos um pouco de alguns dos seus cinemas. Na altura, a capital possuía cinco importantes e vastos salões de estreia: o Chiado Terrasse, o Salão Trindade, o Salão Central, o Condes e o Olímpia. Este último, que nos dias de hoje se dedica à projecção de filmes pornográficos, teve uma actividade bem diferente nas décadas de dez e vinte. Variadas e interessantes iniciativas, em que o aspecto cultural não era esquecido, faziam parte da actividade do cinema: a par de uma boa programação, efectuava "matinéés de arte", com intervenção de agentes do teatro que, para além da participação artística, entravam em diálogo com o público. A não modernização deste cinema veio, com o tempo, a tornar-se na razão principal da sua perda de prestígio.

Até 1915, o velho Teatro da Rua dos Condes não havia aderido ainda ao espectáculo cinematográfico, mas nesse ano inaugura a sua primeira temporada cinematográfica, que nos primeiros meses se mostrou pouco compensadora. Surge então José Castelo Lopes, um homem dinâmico, que o adquire, efectua obras e transforma o teatro da Rua dos Condes no Cinema Condes, rapidamente revestido de grande prestígio, passando a ser a mais bem frequentada sala de Lisboa.

No período que mediou entre as duas grandes guerras, Lisboa atravessou uma das suas mais importantes fases de crescimento. Foi o lançamento dos alicerces de uma cidade moderna. O rápido crescimento da população, verificado sobretudo na década de trinta, em consequência do forte afluxo de pessoas de outros pontos do país, originou um marcado desenvolvimento dos bairros periféricos ao velho núcleo da cidade, os quais absorveram grande parte destes migrantes.

Acentua-se assim a alteração na configuração da cidade, manifestando-se uma tendência para a substituição gradual da função residencial do centro, pela instalação das actividades terciárias. Tal processo prendia-se, por um lado, com a procura, por parte de certos grupos sociais, de habitações mais modernas e confortáveis nas novas áreas habitacionais e, por outro, com a necessidade crescente de uma boa localização para as actividades do terciário. A cidade conhecia, neste período, uma expansão de tipo radial, segundo as linhas de eléctrico Rossio-Areeiro, Rossio-Lumiar, Rossio-Benfica, Praça do Comércio-Algés e Praça do Comércio-Poço do Bispo, apesar da importância das áreas servidas pelas linhas de circulação da Estrela, de S. Bento e Carmo-Alto de S. João (por Campolide, Arco do Cego e Praça do Chile). Se estas transformações não afectam ainda muito claramente a função dos

cinemas situados na área mais central, o crescimento dos bairros periféricos ao velho núcleo é suficientemente importante para impor o aparecimento de salas nas suas áreas (fig. 4).

É assim que, nos anos vinte, a passagem definitiva do teatro Politeama a cinema e a inauguração do Tivoli devem ser encaradas como o início da desconcentração do centro, embora estas salas se destinem ainda a servir um público fundamentalmente morador no velho núcleo ou suas proximidades. A prová-lo está o facto das distribuições de filmes da época não quererem assumir a responsabilidade pelo fornecimento daqueles ao Tivoli ⁽¹⁾, alegando que a sua afastada situação em relação ao centro, onde era habitual aglomerarem-se as salas de estreia, não era favorável a uma exploração rentável. No entanto, a moderna concepção arquitectónica do edifício, a qualidade das suas instalações e da programação produziram uma inesperada (?) reacção por parte do público, tornando rapidamente o Tivoli no cinema de maior prestígio e frequentado pela melhor sociedade. Naturalmente que estes grupos sociais são os menos preocupados com a localização da sala, uma vez que o seu estatuto lhes proporciona maior autonomia. Estava-se no advento do transporte automóvel e os táxis, “os Palhinhas”, eram já vulgares, pelo que era animado assistir à chegada dos espectadores ao Tivoli, em dia de estreia, devido ao número de automóveis e trens que paravam à porta.

A localização dos restantes cinemas revela a relação existente entre a implantação deste tipo de equipamento e a densidade populacional, concretamente a necessidade que os novos bairros têm de se dotarem de certa diversidade funcional.

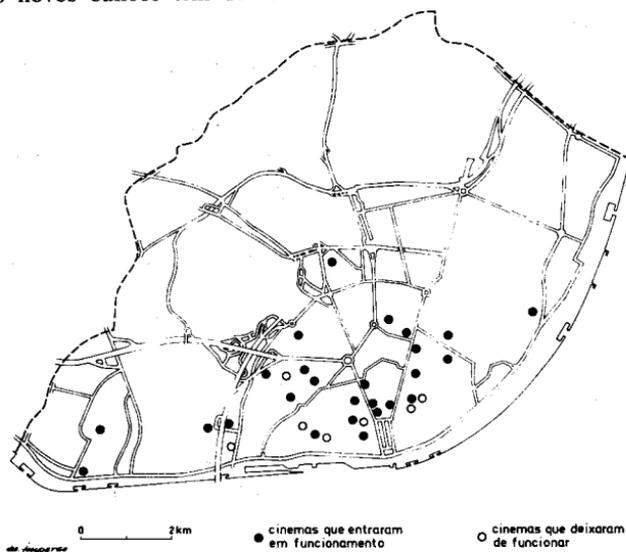


Fig. 4—Os novos cinemas entre 1920 e 1939.

⁽¹⁾ Como se pode ver em M. FÉLIX RIBEIRO, *Os Mais Antigos Cinemas de Lisboa (1896-1939)*, Lisboa 1979.

A maioria desses cinemas foi surgindo gradualmente ao longo das décadas de vinte e trinta, as quais se podem considerar como um período de transição na evolução do conceito de sala de cinema, pois individualizam-se dois tipos fundamentais, os cinemas de estreia e os cinemas de bairro. Estes últimos apresentavam uma dispersão espacial considerável e, como tinham bastante qualidade, retiraram progressivamente espectadores aos primeiros. Registe-se que foi um cinema de bairro, o Royal, que no início da década de trinta estreou em Portugal o cinema sonoro. Por essa altura deixaram de se inaugurar cinemas na Baixa, assumindo alguns dos já existentes um papel de prestígio que se iria manter até aos nossos dias.

Os anos quarenta são marcados por acontecimentos de extrema importância, que vão influenciar a vida nacional e a da capital em particular. A Segunda Guerra Mundial foi, sem dúvida, o factor mais importante, pelas consequências económicas que teve para a população. Foi uma época de crise em que as carências eram notórias, sentindo-se os efeitos da especulação em paralelo com o enfraquecimento generalizado do poder de compra, agravado por uma política de contenção dos salários. Todos os sectores foram afectados e o cinema também não escapou. Houve quebras de frequência, que os exibidores tentaram atenuar através de uma política de descontos promocionais, para senhoras, nas *matinéés*, no Verão, entre outras.

Em relação com a situação de crise internacional e o incremento das migrações internas, o Estado estimulou uma política de obras públicas, com efeitos no desenvolvimento de Lisboa, de tal modo que pode afirmar-se que, se as décadas anteriores foram as do lançamento dos alicerces da Lisboa moderna, os anos quarenta foram os da sua construção. Para além de razões económicas, os factores ideológicos vão também pesar nestas obras, pois era preciso mostrar que o regime estava consolidado, usando o espaço urbano para isso. Não nos podendo deter sobre o assunto, não queremos deixar de referir a Exposição do Mundo Português que, realizada em 1940, para cumprir aquele desiderato, se integrava numa série de medidas urbanísticas que revolucionaram Lisboa e era servida por autocarros, através de uma carreira experimental ligando Belém ao centro da cidade. As carreiras regulares de autocarros só se estabelecem em 1944, mas, se inicialmente mantêm a tradição radial que presidia aos eléctricos (a n.º 1 ligava os Restauradores ao Aeroporto), rapidamente a maior flexibilidade deste transporte permitiu instalar uma rede mais densa e com percursos de circulação, como eram os das carreiras 3 e 4 para a Avenida Miguel Bombarda, de certo modo, a frente de urbanização da época.

Dentro dos condicionantes existentes, não se registou grande evolução no aparecimento de salas de cinema, tendo unicamente aparecido 4 cinemas, de que destacamos o Cinearte, um cinema de bairro de grande dimensão.

Os anos cinquenta foram um período de importantes transformações no país. Um acentuado surto industrial resultou num significativo afluxo, para a região de Lisboa, de gente que se fixou na periferia da cidade. Desenvolveram-se então áreas suburbanas, como o Barreiro, Almada e Amadora, entre outras. Se parte dessa população ficou a residir nas proximidades do seu local de trabalho, outra aumentou o número dos que diariamente efectuavam deslocações pendulares casa-trabalho-

-casa, usando transportes públicos. É o período em que os caminhos-de-ferro suburbanos, os transportes fluviais no Tejo e os autocarros de Lisboa registaram uma grande expansão; a eles se vem juntar, no final da década, o metropolitano, contribuindo para a maior mobilidade da população.

A localização dos novos cinemas, na Avenida da Liberdade, Saldanha, Alameda, Avenida de Roma, Alvalade (fig. 5), escolhe as vias mais importantes da cidade, as áreas de prestígio, e representa uma ruptura com a localização até então predominante. De facto, até aos anos 50, os cinemas apresentavam dois níveis hierárquicos diferentes: os de nível mais elevado localizavam-se no centro tradicional (Baixa-Chiado e imediações), enquanto os outros acompanhavam a população e disseminavam-se pelos bairros. As transformações que começam a evidenciar-se no tecido urbano de Lisboa nos anos 40 prolongam-se na década seguinte e as salas de espectáculo de estreia surgem como indicadores precoces desta mutação. Os cinemas construídos nos anos cinquenta ignoram o centro tradicional e definem a nova zona de expansão do centro, ocupando-a com uma malha bastante regular.

Se se constata esta mudança na localização, também se deve referir a alteração na dimensão dos imóveis. Com efeito, os anos cinquenta são a época da construção dos grandes edifícios de espectáculos, como o Monumental, o S. Jorge, o Império e o Roma. A arquitectura monumental do Estado Novo fazia carreira e o luxo era ostentado em toda a sua dimensão, não se olhando a meios para conseguir "...o maior edifício de espectáculos que já se construiu na capital e em todo o país e até bem podemos dizer, que no estrangeiro — maior e mais perfeitamente acabado, em luxo e comodidade, como hoje se exige, em toda a parte, com a ânsia do progresso em tudo...". Assim comentava um jornalista do *Diário de Notícias*, 29 de Maio de 1952, a inauguração do Monumental.

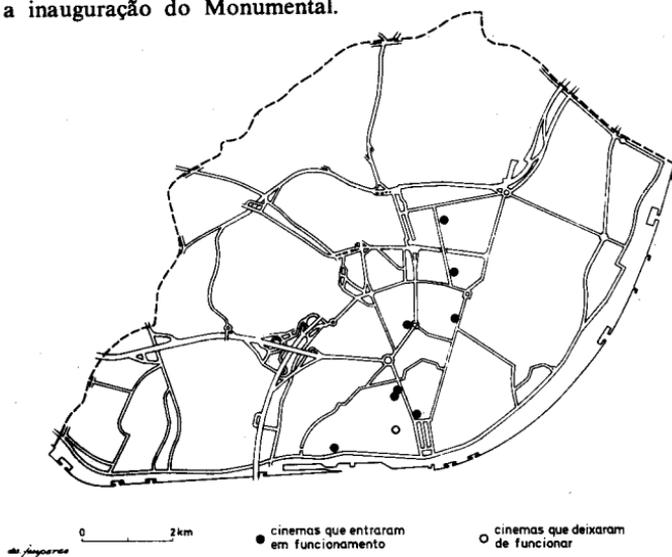


Fig. 5 — Alterações entre 1940 e 1959.

Estas salas de grande capacidade traduziam um novo tipo de interesse pelo espectáculo cinematográfico, que induzia o espectador a frequentar os grandes cinemas de estreia, para além dos cinemas de bairro. De facto, é nesta época que o cinema regista uma das suas fases mais espectaculares, com o aparecimento do Cinemascope e, alguns anos depois, do Supertecnirama de 70 mm, um tipo de projecção só possível em cinema de grande "écran", o suporte fundamental para as gigantescas superproduções americanas que impressionaram milhões de espectadores por todo o mundo, como "A Túnica", "Spartacus", "Ben-Hur", "Cleópatra", entre tantos outros.

As inovações técnicas e o incremento da acessibilidade, devido ao alargamento da rede de transportes, permitiam ao lisboeta frequentar regularmente os grandes cinemas, sem que isso prejudicasse as salas de bairro, utilizadas com maior frequência. Nestas, um programa duplo, a preço mais baixo e à porta de casa constituíam factores deveras aliciantes. O cinema tornou-se um hábito, preenchia parte importante dos tempos livres da população e era um divertimento relativamente barato. O preço médio de um lugar era aproximadamente de dez escudos nos cinemas da Baixa e cerca de metade nos de bairro.

Os anos cinquenta registaram, assim, em Lisboa, o mais elevado valor anual de espectadores (cerca de treze milhões), só ligeiramente ultrapassado em 1975, quando a abolição da censura renovou a curiosidade e o entusiasmo pelo cinema, como se vê na figura 6. No entanto, em 1958, a Radiotevisão Portuguesa, ao iniciar as suas emissões regulares, vai desferir o primeiro grande golpe na exibição cinematográfica, ao retirar-lhe nesse ano cerca de um milhão de espectadores e quase três milhões ao fim dos primeiros quatro anos, aos quais corresponde uma redução de 22% dos espectadores de Lisboa. Na figura 7, pode ver-se como, desde 1957 e com excepção de 1975, pelas razões que referimos, a taxa de ocupação das salas tem vindo a diminuir regularmente, tanto no continente, como em Lisboa, situando-se perto dos 25% na capital, em 1982. À semelhança do que tinha acontecido noutros países, o cinema passava a confrontar-se com o mais poderoso de todos os "media", a televisão.

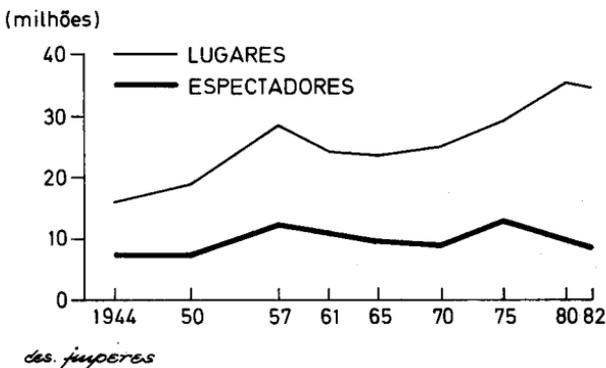


Fig. 6 — Evolução da oferta e da procura na cidade de Lisboa (Fonte: INE-Estatísticas da Educação).

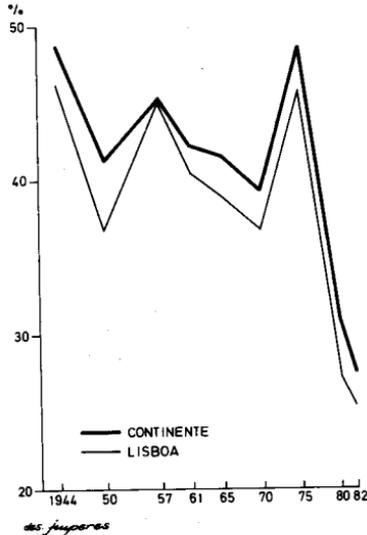


Fig. 7 — Taxas de ocupação das salas de cinema
(Fonte: INE-Estatísticas da Educação).

Nos anos sessenta, o tecido urbano de Lisboa é marcado pelo início da intensa renovação das construções das Avenidas Novas. Não se podendo expandir em altura e encontrando-se espartilhado pelos tecidos de malhas apertadas que ocupam as colinas, o centro lisboeta migrou para norte e, depois da Avenida de Roma ter falhado como alternativa à Baixa, a actividade terciária orientou-se para a área do Marquês de Pombal e derramou-se nas Avenidas Novas. Aqui se assiste ao aumento e diversificação dos serviços, de escritórios, do comércio; aqui surge a quase totalidade das salas de projecção edificadas na década de 1960 a 1969 (fig. 8).

Contudo, os edificios construídos apresentam características completamente diferentes dos da década anterior. Tal ficava-se a dever, para além de outros factores, nomeadamente os custos de construção, à revogação do Decreto-Lei 13.564 de 1927, que proibia a construção de cinemas em edificios mistos. De facto, com a entrada em vigor dos Decreto-Leis 42.660, 42.661, 42.662 e 42.663, de 20 de Novembro de 1959, novas perspectivas se abriram à construção de salas de espectáculos. O edificio misto, combinando cinema, centro comercial, escritórios e habitação, permitia, para além de tudo o mais, uma acentuada economia de gestão. Estava aberta a porta para a difusão dos "Cine-Bolsos" e a redução dos cinemas de bairro, que começavam a acusar os efeitos da concorrência televisiva. Para além da televisão, a diminuição do número de espectadores decorria também da forte emigração e da guerra do Ultramar, mas principalmente da fixação das populações em áreas periféricas da cidade e cada vez mais afastadas do centro e dos bairros onde se localizavam os cinemas mais

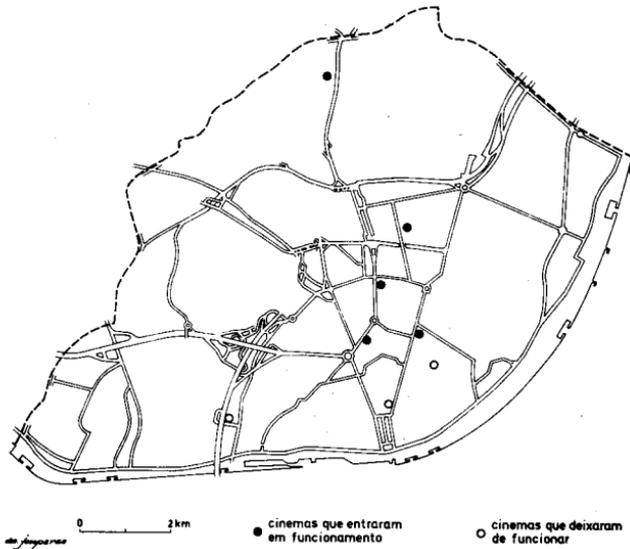


Fig. 8 — Os cinemas que surgiram e os que desapareceram entre 1960 e 1969.

antigos. A taxa de variação anual da população em Lisboa reduziu-se acentuadamente neste decénio, registando-se pela primeira vez um decréscimo, na ordem dos 4%.

O panorama não se modificaria sensivelmente até 1974. Os pequenos cinemas continuaram a surgir nas áreas já referidas e o número de espectadores a não aumentar significativamente (fig. 9). A recessão económica, surgida no final dos anos sessenta, manter-se-ia pela década seguinte, produzindo os seus efeitos. É com o 25 de Abril que tudo se vai alterar. O sistema democrático constitucional restitui as liberdades e o cinema viu-se assim livre da censura e em condições, não só de projectar as versões integrais dos filmes, como também de dar a conhecer novas cinematografias, de origens diversas. Dessa forma, renovou-se em muitos o interesse pelo cinema, e se nos lembrarmos que o poder de compra melhorou substancialmente nos primeiros tempos está justificado o grande aumento de espectadores verificado em 1975, ano em que o seu número ultrapassou os treze milhões. Dois outros factores podem também ter contribuído para justificar tão elevada cifra. Por um lado, a compra de automóvel por parte de população que até então a ele não tinha acesso, melhorando a acessibilidade, e por outro, o aumento de população que Lisboa registou, com o regresso de portugueses das ex-colónias, um potencial acréscimo do número de espectadores, já que esses retornados, sem emprego e vivendo de subsídios, a pouco mais poderiam aspirar como divertimento que não fosse o cinema, nessa época ainda a preço acessível.

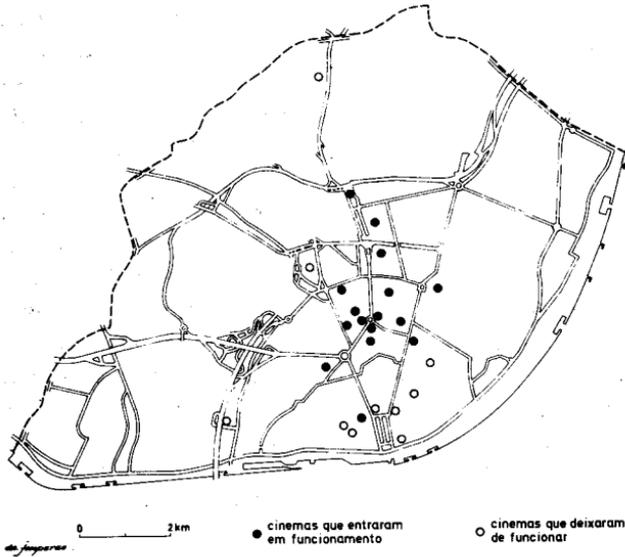


Fig. 9 — Os cinemas que surgiram e os que desapareceram entre 1970 e 1979.

Com este estado de coisas, o cinema tornava-se de novo um investimento rentável, razão pela qual o número de pequenos cinemas aumentou significativamente nos anos seguintes, mantendo-se a preferência pelas localizações adoptadas desde os anos 50, ou seja Avenidas Novas, Avenida de Roma e Av. Almirante Reis (fig. 9).

Em contrapartida, os velhos cinemas de “bairro”, que a partir de década de 60 foram lentamente perdendo espectadores, atingem a de 70 em situação de exploração deficitária. Sobredimensionados, com instalações e equipamento envelhecidos, necessitando de um número excessivo de empregados, enfrentavam o espectro do encerramento, o que para alguns se tornou inevitável, mesmo antes do 25 de Abril. Para outros, depois de um certo período de esperança, em que até a via da pornografia foi tentada, o inevitável chegou. As portas fecharam-se para dar origem a supermercados (Royal), igrejas (Max), discotecas (Universal), estúdios de televisão (Europa) ou mesmo para serem demolidos (Monumental). Os poucos que ainda restam irão em breve fechar o ciclo das salas que durante anos tornaram acessível, a muitos, o espectáculo cinematográfico.

Na presente década pouco ou nada haverá a acrescentar ao que já foi dito. O processo evolui no mesmo sentido, apesar da quebra do número de espectadores, verificada a partir de 1977, devido à acentuada recessão económica, que desde então se fez sentir, e ao início da emissão de telenovelas por parte da RTP. Negociando com esta o seu horário de emissão e recorrendo mesmo a montagem de televisores nos átrios, exibidores de cinema conseguiram atenuar, de algum modo, os seus efei-

tos. Mas a realidade mostra que o número total de espectadores em 1984 é apenas igualável ao verificado no início dos anos cinquenta, pois este espectáculo está cada vez menos acessível à “bolsa” do português, sobrecarregado pelos efeitos da crise. Não obstante, os cinebolsos continuam a proliferar nas áreas ditas mais elegantes e sobretudo nos centros comerciais (fig. 10). *Small is Beautiful!*

As grandes salas não têm neste momento viabilidade económica. Se, por um lado, o número de espectadores diminuiu, por outro, aumentou a concorrência provocada pela abertura de cada vez mais salas e ainda pelo facto de um mesmo filme estreiar simultaneamente em vários cinemas. Este processo é condicionado pela estratégia das grandes firmas de produção e distribuição, com vista ao aumento dos índices de rentabilidade dos filmes e dos circuitos. Um filme, ou diversos filmes, em várias salas pequenas, não são a mesma coisa que um só filme numa grande sala, se bem que o número de lugares à venda possa ser equivalente. As várias salas diversificam a oferta no espaço (o mesmo filme em áreas diferentes aproxima-se mais do espectador) e no tempo (salas e filmes com horários diversos). Por último, a poupança nas despesas de publicidade, hoje consideráveis, é também factor importante da exibição simultânea.

Estes quase 100 anos de evolução dos cinemas em Lisboa são suficientes para identificar alterações importantes no tipo de sala e no respectivo padrão de localização.

Embora desperte o interesse de todos, o cinema sempre foi um espectáculo barato que, por isso, deve estar próximo do consumidor. Deste modo, se os primeiros animatógrafos se instalaram no centro, logo nas primeiras décadas deste século

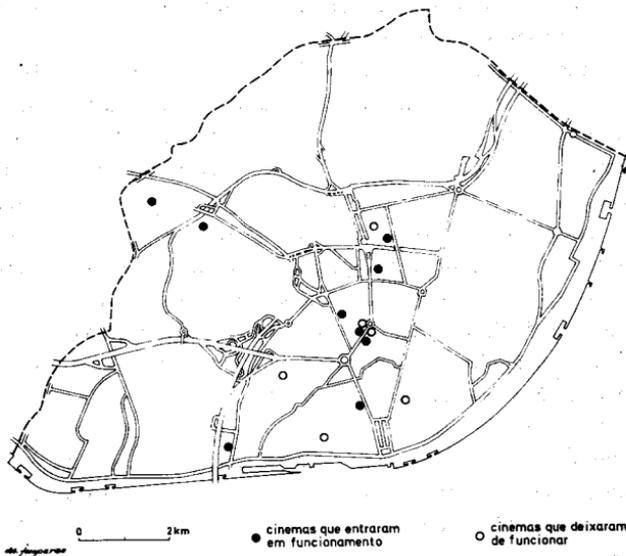


Fig. 10— Os cinemas que surgiram e os que desapareceram entre 1980 e 1985.

se inauguram salas nos principais bairros que constituem a cidade. Com esta dispersão espacial, cria-se uma dicotomia que corresponde à individualização de dois níveis hierárquicos distintos: o nível mais alto corresponde aos cinemas de estreia e o nível mais banal é representado pelos de bairro. Como a frequência de utilização é relativamente pequena, os cinemas de estreia exigem grande clientela e boa acessibilidade, localizam-se no centro, em salas que combinam dimensão, conforto e mesmo luxo. No entanto, tal como noutras actividades terciárias, também nos edifícios de cinema do centro se encontrava uma distinção em termos de nível social da clientela servida, e os cinemas "piochos" ombreavam com os de prestígio.

Na primeira metade deste século, o centro, em termos de cinema, localizava-se na entrada mais prestigiada da Baixa, nos Restauradores e Avenida da Liberdade (até ao Tivoli). Na década de 50 assiste-se à grande expansão do tecido urbano de Lisboa e da sua área central, num processo que os cinemas acompanham e reforçam. A construção do Monumental e do Império marcam a presença deste espectáculo em duas frentes então possíveis para a expansão do centro, as Avenidas Novas e a Alameda-Avenida de Roma. Mas se o lançamento da Avenida de Roma como alternativa à Baixa foi um projecto falhado, até porque a inauguração do metropolitano desfavoreceu esta área em relação às Avenidas Novas, não deixa de ser curioso constatar que foi o cinema edificado na área certa (no coração do centro terciário) o que menos durou.

Depois do início da televisão começaram a delinear-se tendências opostas às do pós-guerra e responsáveis pelo padrão actual, que se pode sintetizar na proliferação de salas de dimensão reduzidas, no centro terciário e nas novas urbanizações periféricas, tanto no concelho de Lisboa como nos limitrofes. Ao mesmo tempo, assiste-se ao declínio, e mesmo encerramento, tanto dos antigos cinemas de bairro como de alguns de estreia. Os dois níveis hierárquicos correspondiam a uma organização do espaço urbano baseada na proximidade geográfica, em que os bairros desempenhavam um papel preponderante. Mais recentemente, com o aumento da acessibilidade, os gostos e interesses tendem a sobrepor-se à proximidade geográfica na estruturação das comunidades urbanas, tal como MELVIN WEBBER enunciou. Verifica-se que alguns cinemas, os que podem, por isso, representar um nível mais alto, se especializaram num determinado tipo de filmes (indianos, de qualidade, pornográficos), mas isto nem sempre tem correspondência na localização, pois o aumento generalizado da mobilidade leva os espectadores interessados a qualquer ponto da área urbana. Deste modo, o padrão actual combina ainda aspectos decorrentes da proximidade geográfica com os da especialização.

A dispersão geográfica das pequenas salas liga-se à banalização da função cinema e ao aumento da área urbanizada, mas é também condicionada pelos circuitos de distribuição cinematográfica e pela promoção imobiliária que encontrou novas facilidades com a autorização da construção de edifícios mistos.

TERESA BARATA SALGUEIRO
CARLOS FERRÃO MARQUES
JOSÉ HENRIQUES DA SILVA

ANEXO

Salas de Exibição de Cinema em Lisboa (1896 a 1985) (1)

	Entraram em func.	Localização	Deixaram de func.
1896 a 1899	Coliseu Recreios	R. Portas St.º Antão	
	Real Coliseu/Cin. Colossal	R. Palma	
	Salão Avenida	Av. Liberdade	
	Teatro D. Amélia	R. Ant. M.ª Cardoso	
1900 a 1909	Animatógrafo/Salão Rocio	R. Arco Bandeira	Salão Chiado Salão Rouge
	Chiado Terrasse	R. Ant. M.ª Cardoso	Salão S. Carlos
	Grande Animatógrapho de Alcântara	Av. 24 Julho	
	Ideal Cine/Camões	R. Loreto	
	Magic Hall Montmartre	Calç. Ajuda	
	Salão Central	Pr. Restauradores	
	Salão Étoile	Calç. Estrela	
	Salão Fantástico	R. Jardim Regedor	
	Salão Chiado	R. Nova Almada	
	Salão Recreio Povo	Lg. Silva e Albuquerque	
	Salon Rouge	R. D. Pedro V	
	Salão Lisboa	R. S. João Praça	
	Salão S. Carlos	R. Paiva Andrade	
	Salon Viagraphpe	R. Direita Grilo	
	Salão Graça	R. Sr.ª do Monte	
Salão Trindade	R. Nova da Trindade		
1910 a 1919	Chantecler/Restaur.	Pr. Restauradores	Casino Étoile
	Cine Pátria	R. Grilo	Cinema Colossal/Real Coliseu
	Cine Voz Operário	R. Voz Operário	
	Cinema Cosmopolita	R. Mouraria	Cinema Cosmopolita
	Casino Étoile	Calç. Estrela	Império
	Condes	R. Condes	Paraíso Lisboa
	Eden Teatro	Pr. Restauradores	Rossio Palace
	Estephânia Terrasse	Arco Cego	Salão Fantástico
	Politeama (não regular)		Salão Portugal
	Império	R. Pascoal Melo	Teatro Moderno
	Olimpia	R. Condes	Teatro Rato
	Paraíso Lisboa	R. Palma	Teatro Trindade
	Paris I	R. Ferreira Borges	Salão Anjos
	Promotora	Lg. Calvário	The Wonderful
	Rossio Palace	Lg. S. Domingos	
Salão Anjos	R. Anjos		
Salão Edison	Lg. Conde Barão		

	Salão Lisboa	R. Mouraria	
	Salão Portugal	R. S. João Praça	
	Salão Recreio Graça	R. Voz Operário	
	Salão Trinas	R. Trinas	
	Teatro Moderno	Av. Almirante Reis	
	Teatro Rato	Lg. Rato	
	Teatro Trindade	R. Nova Trindade	
	The Wonderful	R. Ant. M. ^a Cardoso	
	Belém Cinema	R. Paulo Gama	Grande Animatógrapho Alcântara
	Cine Bélgica/Univ.	R. Beneficência	
	Cine Esperança	R. Esperança	Paris I
	Cine Tortoise/ /Campolide Cinema	R. Leandro Braga	Salão Edison Salão Foz
	Cinema Popular	R. Direita Marvila	Salão Recreio Graça
	Eden Cinema	R. Alvito	Salão Trinas
	Cinema Gil Vicente	R. Voz Operário	Salão Trindade
	Max Cine	R. Barão Sabrosa	Salão Portugal
	Odeon	R. Condes	
	Pathé Cinema/Imperial		
	Cinema/Cinema Pathé	R. Francisco Sanches	
	Politeama	R. Portas St. ^o Antão	
	Royal Cine	R. Graça	
	Tivoli	Av. Liberdade	
	Cinema S. Luís	R. Ant. M. ^a Cardoso	
	Capitólio	Parque Mayer	Gil Vicente
	Central	?	
	Cineoriente	R. Paiva Couceiro	
	Esplanada Belém/Jardim	R. Bartolomeu Dias	
	Europa	R. Francisco Metrass	
	Jardim Cinema	Av. Pedro A. Cabral	
	Lys/Roxy	Av. Alm. Reis	
	Palácio/Trianon/Avis	Av. Duque Ávila	
	Palatino	R. Filinto Elísio	
	Paris II	R. Dominguos Sequeira	
	Rex	R. Palma	
	Teatro Ginásio	R. Nova Trindade	
	Arco-Íris	R. Portas St. ^o Antão	Teatro Trindade
	Cinearte	Lg. Santos-o-Velho	
	Pavilhão Português	Parque Mayer	
	Teatro Trindade	R. Nova Trindade	
	Alvalade	Av. Roma	Belém Cinema
	Império	Al. D. Af. Henriques	Teatro Ginásio
	Monumental	Pr. Duque Saldanha	
	Restelo	Av. Torre Belém	

	Roma	Av. Roma	
	S. Jorge	Av. Liberdade	
1960 a 1969	Berna	Av. Marquês Tomar	Max
	Estúdio	Al. D. Af. Henriques	Palatino
	Estúdio 444	Av. Defensor Chaves	Rex
	Lumiar	Calç. Carriche	
	Mundial	R. Martens Ferrão	
	Vox	R. Frei M. Contreiras	
1970 a 1979	ABCine/Hoollywood	Av. Roma	Cine Bélgica/Universal
	Alfas Triplex	Av. Alm. Gago Coutinho	
	Caleidoscópio	Campo Grande	Cineoriente/Novo Cine
	Castil	Rua Castilho	Eden Cinema
	Cine 222	Av. Praia Vitória	Lumiar
	City Cine	R. Tomás Ribeiro	Salão Lisboa
	Londres	Av. Roma	Arco Íris
	Nimas	Av. 5 Outubro	Chiado Terrasse
	Quarteto	R. Flores Lima	S. Luís
	Cinebolso		
	Quinteto	R. Actor Taborda	Cine Voz Operário
	Satélite	Pç. Duque Saldanha	Salão Portugal
	Star	Av. Guerra Junqueiro	
	Terminal	Estação Rossio	
Zodiaco	R. Conde Redondo		
1980 a 1985	Ávila	Av. Duque Ávila	Alvalade
	Cinebloco	R. Pinheiro Chagas	Europa
	Cine Estúdio ACS	Av. Igreja	Monumental
	Forum Picoas	R. Tomás Ribeiro	Royalcine
	Fonte Nova	Est. Benfica	Satélite
	Las Vegas	Pão Açúcar-Alcântara	Cinearte
	Turim	Est. Benfica	
	Xenon	Pç. Restauradores	
7.ª Arte	Av. República		

(1) A dificuldade de acesso a determinados dados não permitiu que fosse conseguido o levantamento total dos cinemas de Lisboa. Daí que os cinemas inventariados fossem sempre em número inferior aos referidos nas estatísticas oficiais.

Os dados foram recolhidos em Ribeiro, M. Félix, *ob. cit. e nos Arquivos do Diário de Notícias*.

BIBLIOGRAFIA

- ABLER, RONALD; ADAMS, JOHN S.; GOULD, PETER, *Spatial Organization*, Londres, 1971.
 ANTÓNIO, LAURO, *Cinema e Censura em Portugal*, Lisboa, 1978.
 BLANCO, ARMINDO, *Tempo de Cinema*, Lisboa, 1956.
 BRITO, RAQUEL SOEIRO, *Lisboa, Esboço Geográfico*, Lisboa, 1976.

- CAZENEUVE, JEAN, *Sociologia de la Radio-Television*, Buenos Aires, 1967.
- COSTA, ALVES, *Breve História do Cinema Português (1896-1962)*, Lisboa, 1978.
- Memória do Cinema*, Porto, 1977.
- DANTAS, JÚLIO, *Lisboa dos nossos Avós*, Lisboa, 1966.
- ESCUDEIRO, GARCIA, *Cinema Social*, Lisboa, s.d.
- GARNIER, JACQUELINE BEAUGEAU, *Geografia Urbana*, Lisboa, 1983.
- GASPAR, JORGE, "A dinâmica funcional do centro de Lisboa", *Finisterra*, vol. XI, n.º 21, Lisboa, 1976.
- GEADA, EDUARDO, *O Imperialismo e o Fascismo no Cinema*, Lisboa 1976.
- JEANNE, RENÉ e FORD, CHARLES, *História Ilustrada do Cinema*, vol. I e II, Lisboa.
- MANVELL, ROGER, *O Filme e o Público*, Lisboa 1959.
- MARTINEZ, ENRIQUE MELON, *La Télévision dans la famille et la société modernes*, Paris, 1970.
- MCLUHAN, MARSHALL, *Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem*, 5.ª edição, S. Paulo, 1979.
- NOBRE, ROBERTO, *Singularidades do Cinema Português*, Lisboa.
- PELAYO, JORGE, *Bibliografia Portuguesa de Cinema*, Lisboa 1966.
- PINA, LUÍS, *A Aventura do Cinema Português*, Lisboa, 1977.
- Cinema para todos*, 1980.
- Panorama do Cinema português*, Lisboa, 1978.
- RIBEIRO, M. FÉLIX, *Os mais Antigos Cinemas de Lisboa; (1896-1939)*, Lisboa, 1979.
- RODRIGUES, M.ª JOÃO MADEIRA, "Tradição, Transição e Mudança. A produção do Espaço Urbano na Lisboa Oitocentista". *Boletim Cultural*, n.º 84, Assemb. Dist. de Lisboa, Lisboa, 1979.
- SADOUL, GEORGES, *Histoire Générale du Cinema*, Vols. I e II, Paris, 1951.
- SALGUEIRO, TERESA BARATA, *A Rede de Transportes Colectivos na Aglomeração de Lisboa*, "Estudos de Geografia Urbana", n.º 1, CEG, Lisboa, 1971 (polic.).
- TORRES, A. ROMA, *Cinema, Arte e Ideologia*, Porto, 1975.
- WYN, MICHEL, *Le Cinéma et ses Techniques*, Paris, 1972.